

O espanhol no Brasil: histórico e perspectivas / Homenagem ao Prof. Mario González

Profa. Dra. Neide González (USP)

Minhas palavras

Nesta mesa, em vários sentidos tão especial, em que me coube estar, num dia 13 tão simbólico – dia em que se completavam exatamente sete meses da morte do homenageado, meu companheiro durante 43,5 anos – tratei apenas de fazer uma breve introdução aos trabalhos. Preferi que falassem mais, recuperando a memória de várias gestões da APEESP nestes últimos 30 anos, os demais colegas que lá estavam, compartilhando aquele espaço, os quais certamente tinham relatos e reflexões muito importantes a fazer. Todos nós estávamos tocados por uma forte emoção, é certo, mas a minha, que me afastava muito da racionalidade e da capacidade de relatar com objetividade minhas atuações nas diretorias da associação, certamente marca este breve texto, que por tudo isso oscila entre o relato e a homenagem comovida.

Começo refletindo rapidamente sobre o título da mesa, que traz esse binômio, separado por uma barra – **histórico e perspectivas/homenagem ao Prof. Mario González** – depois do fragmento inicial – **O espanhol no Brasil** –, para mostrar que ele não é meramente casual. Mario González tem tudo a ver com o histórico do espanhol no Brasil e, por tudo o que fez e nos deixou, também tem muito que ver com as perspectivas, isto é, com tudo o que temos pela frente, ou seja: **muito trabalho e muita luta**, que foi o que ele fez e estimulou a que fizéssemos durante toda a sua vida.

Entre as muitas coisas que Mario González nos deixou (associações, organizações diversas, boas gestões, ensinamentos vários, escritos e a memória de longas conversas em mesas redondas e quadradas), está esta nossa APEESP, cujos 30 anos comemorávamos nesse 13 de setembro de 2013. Tive o prazer e a honra de participar da fundação da associação, decidida numa reunião de docentes interessados numa manhã quente, dentro de uma sala das Colmeias, onde então funcionava o errante curso de Letras da FFLCH/USP, por cujos espaços e por cuja consolidação Mario também lutou até o fim de sua vida. Eram ainda tempos de ditadura, aqui e em vários países de língua espanhola;

nosso presidente era João Batista Figueiredo, aquele que preferia o cheiro dos cavalos ao cheiro do povo. Mas a nossa ditadura já estava decadente, afetada pela inflação alta e crônica, em parte uma consequência do que se havia denominado o “milagre brasileiro”; e se iniciava nesse período o movimento pró-democracia, o “Diretas Já”, que nos levou às ruas e encheu de esperanças depois frustradas.

A situação do espanhol à época era diferente da de agora em muitos aspectos, sobretudo em relação ao estatuto dessa língua, que naquele momento não ocupava nenhum espaço na educação brasileira. Mas algo já se podia antever das mudanças que viriam, para bem ou para mal, algo que levou a que começássemos a nos organizar e a pensar em que passos poderiam ser dados no sentido de mudar o panorama que havia à época. Não sabíamos, então, quão importante viria a ser essa organização para apoiar a resistência a tantas investidas por parte dos que queriam e querem dominar o espaço do ensino do espanhol no Brasil; e quão importante ela viria a ser, também, nas inúmeras iniciativas que a duras penas veio promovendo ao longo desses anos todos.

Algumas gestões ocorreram, inclusive as do próprio fundador, até que eu assumisse a presidência da associação, já na metade da década de 90, com um panorama bem mudado, em vários sentidos, para o espanhol no Brasil. No estado de São Paulo, tínhamos já os Centros de Línguas (CELs), que o governador Orestes Quercia criara para não cumprir a promessa que fizera em sua campanha para governador de implantar o ensino obrigatório do espanhol no estado; já tínhamos assessorias linguísticas espanholas, com as quais mantínhamos uma relação cordial e de colaboração; mas já se podiam ver alguns dos problemas que viriam, depois, com muita força. Em função disso e de alguns fatores mais, e sempre com muita luta, muita coragem, muita participação de vários dos que estávamos nessa mesa, e também do homenageado, nossa APEESP sempre conseguiu resistir a todas essas pressões e também frear muitíssimas investidas que poderiam ter significado a perda de nossa autonomia, de nossa liberdade. Entre as muitas investidas que conseguimos frear – parte dessa resistência ocorreu durante minha gestão e foi encampada por todas as outras – está a de estimular a criação de uma Federação de Associações de Professores de Espanhol, na qual algumas entidades praticamente fantasmas, por vezes associações de um único sócio, nem sempre sequer professor de espanhol, pesavam tanto quanto outras bem constituídas e legalizadas. A defesa da legalização das associações para garantir, também, a sua legitimidade foi uma das causas que Mario González defendeu sempre. E a federação jamais foi levada adiante, embora sua ideia reapareça sempre.

Como associada, guardo boa memória dos encontros regionais da APEESP e de outros pequenos eventos organizados, que algumas vezes deram origem a uma modesta, porém correta publicação. Nem sempre, no entanto, guardo tão boa memória dos congressos nacionais, sempre organizados por uma das associações estaduais existentes no

país. Estes últimos muitas vezes estiveram a serviço de interesses, políticos e privados, alheios aos da nossa classe, mas perniciosamente sedutores; a pesquisa e as reflexões de natureza política, inclusive de política linguística, começaram a ficar à margem nesses eventos, em benefício da propaganda escandalosa de livros, cursinhos no estrangeiro, viagens, espelinhos vários. Os congressos estiveram por muito tempo dominado por outras organizações que não tinham nada a ver diretamente com as associações e ficaram a serviço de interesses políticos e mercadológicos das mesmas.

Em boa parte por esse quase banimento da pesquisa nos congressos nacionais de professores (hoje bastante superada graças à resistência e à atuação de algumas associações, entre elas a nossa) e pela quase total dominância desses espaços por interesses alheios, mais uma vez Mario González levou adiante, junto com alguns colegas visionários e idealistas, fundamentalmente dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, vários deles ex-alunos de nossa pós-graduação da USP, a ideia que culminou, em 2.000, num evento histórico no espaço da UFF (Niterói), a meu ver, na criação da Associação Brasileira de Hispanistas, nossa ABH, que hoje já vai cumprir 13 anos e realiza belíssimos congressos bianuais, além de publicar uma importante revista (ABEHACHE), cujo comitê editorial Mario González coordenou até o início do mês de fevereiro deste ano (mês que, no dia 13, o levou de nós), mas cujo número 4 não chegou a ver publicado.

Enfim, comemoro aqui, com o coração apertado, esses 30 anos que também são 30 anos intensos e felizes da vida de Mario González e da minha própria vida profissional e pessoal. Digo felizes, porque ele amou muito tudo o que fez e, por isso, ao falarmos de perspectiva, não temos como não pensar nele. Ele acreditava na força da História e nos deixou uma história que certamente marca e marcará o que fazemos e faremos. Sem virar as costas para o passado que nos constitui, ele sempre olhava para a frente, era homem de planos, de projetos, um dos quais era participar na organização deste evento.

Naquele dia 13 de setembro, terminei minha fala na mesa em questão dizendo: tomara que a gente consiga fazer um evento à altura dos sonhos dele, mas, sobretudo, à altura das nossas próprias expectativas e necessidades, duas coisas que ele sempre defendeu e respeitou. Que neste espaço ninguém se cale, ninguém nos cale e que todas as vozes apareçam e deixem a sua mensagem. Agora, revendo este texto e dando-lhe uma forma mais adequada para publicação nestes anais, posso dizer, orgulhosamente, que conseguimos, o que me faz crer também que vamos continuar conseguindo defender nossa liberdade, nossa autonomia, nossa soberania na construção de uma bela história para o ensino do espanhol no Brasil.